



ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE: VIVÊNCIAS FORMATIVAS E AFETIVAS NO PIBID DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MORRINHOS-GO

Clodoaldo Ferreira Fernandes da Silva ¹

Marcela de Almeida Machado ²

RESUMO

O presente relato visa evidenciar como a experiência vivida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto de Língua Portuguesa, realizado no CEPI Silvio Gomes de Melo Filho, em Morrinhos – Goiás, no primeiro semestre de 2025, contribuiu significativamente para a formação docente inicial. A vivência contemplou turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e permitiu a articulação entre teoria e prática, aproximando os futuros professores da realidade escolar. A proposta metodológica adotou uma abordagem qualitativa e descritiva, voltada à compreensão crítica das práticas educativas, da atuação da escola pública e de sua relação com a comunidade. Nesse processo, a prática identitária construída entre a supervisora do PIBID e a professora de Língua Portuguesa gerou reflexões sobre o cotidiano escolar como espaço de afetividade e esperança (Freire, 2013), fortalecendo o compromisso social do educador. A partir de uma diagnose realizada entre fevereiro e junho, foram identificados desafios relacionados às práticas de leitura e escrita, revelando a ausência de um trabalho pedagógico pautado nos multiletramentos (Rojo 2009). Com base nisso, o grupo elaborou intervenções que respeitassem os saberes dos alunos e promovessem seu protagonismo, projeto de vida e exercício da cidadania. As ações pedagógicas buscaram integrar leitura, escrita, escuta e fala com experiências sensíveis e críticas, valorizando a afetividade como eixo estruturante do processo educativo (Freire; Macedo, 2011). Os resultados observados apontam para o desenvolvimento de uma postura mais crítica entre os estudantes e o fortalecimento do vínculo entre universidade e escola, reafirmando o PIBID como espaço formativo essencial para uma docência mais humanizada e transformadora.

Palavras-chave: Formação docente, Multiletramentos, Afetividade-escola, PIBID, Esperançar.

¹ Coordenador do Subprojeto do PIBID- Língua Portuguesa : Doutor, Universidade Estadual de Goiás – UEG, câmpus Sul/Morrinhos, clodoalldoffernandes.silva@ueg.br;

² Supervisora Subprojeto do PIBID- Língua Portuguesa no CEPI – Silvio de Melo Filho, almeidamarcela81ma@gmail.com



INTRODUÇÃO

Viver a escola por dentro, em sua inteireza e complexidade, é algo que só a prática permite. Foi isso que o PIBID nos proporcionou. Ao longo do primeiro semestre de 2025, estivemos mergulhados em um processo formativo que foi muito além da observação ou da aplicação de metodologias: foi um encontro real com a escola pública, com seus desafios, potências e, principalmente, com os sujeitos que a habitam, a tornam um organismo vivo e pulsante. O subprojeto de Língua Portuguesa, vinculado à UEG-Campus Sul – Sede Morrinhos, abriu espaço para que licenciandos, professores/as e os/as estudantes pudessem construir juntos uma caminhada marcada pelo diálogo, pela escuta e pela afetividade.

Nossa atuação se concentrou no CEPI Silvio Gomes de Melo Filho, na cidade de Morrinhos-GO, com turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Como professora supervisora, já marcada pelos anos de prática docente na instituição pública, pude experimentar uma nova forma de olhar o cotidiano escolar: um olhar mais atento, mais sensível e mais crítico, além, é claro, de absorver as mais novas teorias que estão em voga, atualizando o meu repertório epistemológico. Ao lado dos/as pibidianos, formamos um grupo comprometido com a formação docente, mas também com a humanização das relações que permeiam o ambiente escolar. Era visível a vontade de fazer diferença, de tocar o outro pela palavra, pela escuta e pela ação.

Logo no início, realizamos uma diagnose para compreender como os alunos se relacionavam com as práticas de leitura e escrita. Os resultados apontaram para uma carência de estímulo às múltiplas linguagens e, sobretudo, para a necessidade de abordagens mais próximas das vivências e das realidades dos estudantes. Foi nesse momento que os multiletramentos (Rojo, 2009) e as ideias de Paulo Freire passaram a orientar nossas decisões pedagógicas. Em especial, a noção de “esperançar” – presente na obra *Pedagogia da Esperança* (Freire, 2013) – nos inspirou a acreditar que é possível transformar o espaço escolar por meio de pequenas atitudes que acolham, escutem e valorizem cada sujeito.

As ações realizadas, muitas vezes simples, revelaram resultados potentes. Observamos um ambiente escolar mais participativo, estudantes mais engajados e relações afetivas se fortalecendo. O PIBID, nesse contexto, deixou de ser apenas uma política pública de iniciação à docência para se tornar, para nós, um espaço de pertencimento, de aprendizado mútuo e de esperança compartilhada.





METODOLOGIA

Este relato de experiência se apoia em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, centrada na vivência das ações do subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID, realizadas no CEPI Silvio Gomes de Melo Filho, na cidade de Morrinhos-GO, entre os meses de fevereiro e junho de 2025. Mais do que aplicar métodos formais de pesquisa, buscamos compreender, com sensibilidade e escuta ativa, os movimentos do cotidiano escolar e as formas como os sujeitos, pibidianos/as, estudantes, professoras, se relacionavam com a leitura, a escrita e a própria experiência educativa.

Nos primeiros encontros, realizamos uma diagnose informal, com base em rodas de conversa, observações em sala e análises de atividades escritas dos alunos, para identificar quais eram os principais desafios enfrentados no trabalho com a linguagem. Não utilizamos instrumentos padronizados ou testes; ao contrário, privilegiamos a escuta e o diálogo como caminhos para levantar percepções e compreender o contexto da escola de uma forma humanizada e sensível à singularidade de cada um, como pontuado por Magda Soares (1986), ao dizer que para alfabetizar é necessário levar em consideração o fator socioeconômico e cultural de cada aluno.

Ao longo do processo, promovemos encontros formativos com os pibidianos, reuniões pedagógicas e momentos de planejamento coletivo, nos quais foram elaboradas ações pedagógicas que contemplem as demandas observadas, além, é claro, de alinhar as expectativas do projeto às expectativas dos/as bolsistas que, assim como os/as alunos/as da escola, carregam consigo seus próprios sonhos e anseios – suas próprias esperanças, como diria Paulo Freire (2013). As práticas foram pensadas para respeitar os saberes dos estudantes, suas leituras de mundo e suas formas de expressão, considerando os princípios dos multiletramentos de Rojo (2009) e os fundamentos da pedagogia freiriana.

Por se tratar de um trabalho vinculado ao PIBID, com ações pedagógicas em sala de aula e sem coleta de dados sensíveis ou uso de imagem dos participantes, não foi necessária submissão à comissão de ética. As experiências aqui descritas ocorreram no âmbito escolar, com envolvimento direto da equipe docente e da supervisão pedagógica, sempre com foco na valorização do processo educativo e das relações formativas.



REFERENCIAL TEÓRICO

As ações desenvolvidas ao longo do projeto foram orientadas por um olhar crítico e humanizado sobre a formação docente e o papel da escola pública na formação de cidadãos críticos, como haviam de ser. Partimos da compreensão de que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas envolver-se com o outro em um processo de escuta, afeto e transformação. É nessa perspectiva que a pedagogia freiriana se tornou o eixo central de nossas reflexões.

Inspiradas por Pedagogia da Esperança (Freire, 2013), entendemos a prática educativa como um ato de coragem e de compromisso com a vida. Freire nos lembra que a esperança, em sua essência, não é passiva; ela exige ação, movimento, construção. “Esperançar”, para ele, é criar, lutar, transformar, é afetar-se com a vida do outro (Freire e Macedo, 2011). Foi com esse espírito que buscamos conduzir o trabalho junto aos pibidianos e estudantes: acreditando que cada encontro em sala de aula podia ser também um espaço de reinvenção e de possibilidades e, que ao encontrarmos adversidades, seja no cotidiano da escola ou mesmo na falta de engajamento do aluno, manter-nos em constante transformação era a chave para tentar provocar, por mais ínfima que fosse, alguma mudança no modo como a escola compreende os/as alunos/as; como os discentes veem a escola, além de entendermos como a própria universidade reconhece a ambos.

Outro conceito que orientou nossas escolhas pedagógicas foi o de multiletramentos, proposto por Rojo (2009), que amplia a noção de leitura e escrita para além dos textos tradicionais, incorporando diferentes linguagens, mídias e práticas sociais – os textos multimodais nos apontavam direcionamentos para além da concepção tradicionalista de escola e sujeito no mundo. Em um contexto escolar em que muitos alunos já se expressam de maneira híbrida, que transita entre oralidade, escrita, imagens, vídeos, memes e redes sociais, torna-se fundamental reconhecer esses saberes e integrá-los às práticas pedagógicas de forma significativa. Trabalhar com multiletramentos significa, também, valorizar as experiências e as leituras de mundo dos estudantes, compreendendo que cada sujeito carrega consigo um repertório cultural que precisa ser acolhido e respeitado.

Além disso, buscamos promover o protagonismo estudantil como parte do processo de ensino-aprendizagem, entendendo que a construção do conhecimento se dá de maneira colaborativa, dialógica e ativa. Nesse sentido, as contribuições de Freire são novamente fundamentais, ao destacar que uma educação libertadora parte do princípio de que todos sabem algo e que ninguém educa ninguém sozinho. O/A professor/a, nesse processo, é





também aprendiz, e a escola deve se tornar espaço de intersecção, construção coletiva e reconhecimento mútuo, pois nem um conhecimento é estático e imutável, os letramentos de mundo que as crianças carregam, pode e deve expandir o conhecimento do profissional da educação. Além disso, a relação de troca entre um/a aluno/a e um/a professo/ar, pode ampliar a sensação de pertencimento do/a aluno/a, fazendo-o se sentir importante, portanto, inspirado a participar da aula.

Ao articular essas referências com as vivências do PIBID, pudemos ressignificar nosso olhar sobre a escola, sobre o ensino de Língua Portuguesa e sobre o próprio sentido de ser educador. O referencial teórico, portanto, não esteve apenas nos textos lidos, mas, sobretudo, nas experiências vividas, nos diálogos travados e nas transformações que se deram ao longo do caminho, muitas delas, inclusive, foram disponibilizadas pelos canais de transmissão do próprio projeto, que amplia, e muito, o nosso conhecimento sobre práticas de ensino e experiências docentes compartilhadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos encontros e ações realizadas no CEPI Silvio Gomes de Melo Filho, fomos percebendo, gradualmente, que a transformação no ambiente escolar não viria de grandes mudanças estruturais, mas sim de gestos simples, cotidianos, cheios de sentido e intenção pedagógica. À medida que desenvolvíamos atividades com foco nos multiletramentos, como a leitura crítica de vídeos, a produção de textos autorais, rodas de conversa e debates sobre temas atuais, os estudantes começaram a se engajar mais, não apenas nas tarefas, mas também nas relações dentro da escola. Grande exemplo disso foi quando, no ensino médio, os/as pibidianos/as levaram para a sala um conto de Oscar Wilde, com intertexto ao mito de narciso e uma atualização deste com o culto ao belo, ao ego e o uso excessivo de redes sociais pelo público jovem. Este exemplo foi, de longe, o mais bem sucedido, rendendo discussões, reflexões e engajamento dos/as estudantes que se puseram a repensar suas próprias práticas individuais.

Chamou atenção o modo como os/as discentes passaram a se expressar com mais segurança, a participar com mais liberdade, e a se enxergar como parte ativa do processo de aprendizagem, muitos deles até se tornaram próximos aos bolsistas, o que visivelmente os ajudou na internalização das propostas. Essa abertura criou espaços genuínos de troca e escuta, que fortaleceram os laços entre bolsistas, docentes e estudantes. Em várias situações, vimos alunos/as que antes se mostravam distantes ou desmotivados se aproximarem da





linguagem com interesse renovado. Uma aluna do 9º ano, por exemplo, revelou que nunca havia escrito um texto fora das atividades obrigatórias, mas que, após um exercício de escrita de cartas, descobriu o prazer de colocar seus sentimentos no papel.

Esses movimentos, ainda que subjetivos e por vezes sutis, foram os indicadores mais potentes de que estávamos no caminho certo. Eles não cabem em tabelas, mas se revelam nas falas espontâneas, nos olhares atentos, nas perguntas que surgem quando se sente confiança para perguntar. É nesse ponto que o pensamento de Freire se materializa: quando a escola se torna um espaço de esperar, de acreditar que a educação é um ato de amor e coragem, e que todo encontro pode ser transformador.

Outro resultado importante foi a própria formação dos/as pibidianos/as. Muitos relataram como o contato direto com a escola os ajudou a compreender o que é ser professor/a para além da teoria. Participar do planejamento, da mediação de conflitos, da escuta atenta aos estudantes e do trabalho coletivo com outros docentes fez com que eles repensassem suas práticas e reafirmassem o desejo de atuar na educação básica. Não foi raro ouvirmos deles e delas que a experiência no PIBID os/as “colocou de verdade dentro da sala de aula”, e que, apesar dos desafios, se sentiram mais motivados a continuar.

Do ponto de vista da comunidade escolar, percebemos também uma valorização maior das ações do PIBID, que passaram a ser vistas não como eventos isolados, mas como parte da rotina pedagógica da escola. A gestão, a coordenação e os professores e professoras abriram espaço para o diálogo e para a construção conjunta, o que fortaleceu o vínculo entre a universidade e a escola pública, fortalecendo essa relação para além do projeto, ampliando a visão até mesmo sobre o evento do estágio supervisionado que, por mais isolado que seja do próprio PIBID, ainda faz parte da formação docente, assim como o programa. Foi possível perceber que, quando há escuta e disponibilidade para a troca, todos crescem: pibidianos/as, professores/as, estudantes e gestores.

Portanto, os resultados desse percurso vão muito além da melhora em habilidades de leitura ou escrita, embora elas também tenham acontecido. O que se produziu ali foi um ambiente mais crítico, mais humano e mais esperançoso. E, nesse sentido, reafirmamos a importância de projetos como o PIBID, que nos permitem aprender a ensinar, escutar para transformar e viver a escola como lugar de vida, encontro e afeto (Freire e Macedo, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Ao olharmos para tudo o que vivenciamos ao longo do primeiro semestre de 2025 no âmbito do PIBID, o sentimento que ficou é o de gratidão e transformação. Foi uma experiência que ultrapassou os limites da teoria e se inscreveu no cotidiano real da escola, com suas múltiplas vozes, afetos, conflitos e potências. Estar presente naquele espaço, ao lado dos/as pibidianos e dos/as estudantes, nos ensinou que educar é, antes de tudo, um ato de humanidade; e que toda prática formativa precisa ser atravessada pelo diálogo, pela escuta e pela esperança.

Compreendemos, na prática, que os multiletramentos são mais do que uma metodologia e um arcabouço teórico para as nossas aulas: são uma postura diante da diversidade das formas de dizer, de viver e de sentir o mundo. A valorização das linguagens múltiplas e dos saberes que já existem na historicidade dos/as alunos/as foi essencial para promover uma aprendizagem mais significativa, crítica e conectada com suas realidades. Ao lado disso, o afeto se mostrou como um fio condutor indispensável, não como um detalhe, mas como parte estrutural do processo de ensinar e aprender.

A experiência também reafirmou o papel fundamental do PIBID como ponte entre universidade e escola. Mais do que uma política de iniciação à docência, o programa se consolidou, para nós, como um espaço de formação humanizada, de construção coletiva e de reafirmação do compromisso com a escola pública. A formação dos/as pibidianos/as, alimentada por vivências reais e por trocas horizontais, contribuiu para consolidar identidades docentes mais sensíveis, críticas e abertas ao novo, assim como ajudou na revisão e atualização da prática docente do corpo escolar.

Do ponto de vista científico, esta experiência aponta para a importância de pesquisas que valorizem o relato como dispositivo de reflexão e produção de conhecimento. Há ainda muito a ser explorado sobre a articulação entre multiletramentos, afetividade e formação docente inicial, especialmente quando essas dimensões se entrelaçam no chão da escola pública. Esperamos que este trabalho possa inspirar outras iniciativas e abrir caminhos para novas investigações que reconheçam o valor das práticas cotidianas como potência formadora e transformadora.

Por fim, reafirmamos, com Freire (2013), que “esperançar” é verbo de ação. E que cada gesto nosso, por menor que pareça, pode ser o começo de uma mudança maior, na escola, na universidade e na sociedade. Este foi apenas o primeiro semestre, ainda temos quatro momentos pela frente para fortalecer ainda mais nossa conexão, compartilhar experiências e metodologias, planejar, testar e, se necessário for, repensar para chegar ao êxito com a excelência de um projeto tão grandioso quanto este.





AGRADECIMENTOS

Agradecemos, com profunda admiração e carinho, aos estudantes do CEPI Silvio Gomes de Melo Filho, que nos acolheram com generosidade e sinceridade, permitindo que nossas práticas ganhassem sentido no dia a dia da escola. Agradecemos, também, à equipe gestora e aos/às colegas professores da unidade, que abriram espaço para o diálogo e a construção conjunta. Aos/Às pibidianos, pelo compromisso, pela escuta atenta e pela coragem de aprender fazendo, nosso reconhecimento e respeito. Estendemos nossa gratidão à Universidade Estadual de Goiás e à CAPES pelo fomento do projeto e à Coordenação do PIBID, por confiarem no poder transformador da educação pública e por viabilizarem uma experiência formativa que tocou não apenas nossas trajetórias profissionais, mas também nossos afetos e convicções. Esse trabalho é resultado de muitas mãos, vozes e corações.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Literacy: leitura da palavra e leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. In: ROJO, Roxane (Org.). *Letramentos múltiplos: leitura e escrita na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 11-29.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.

